

Que problemas no teatro moçambicano?

♦ Duas opiniões sobre a actividade

por Bento Balói

N. 23/7/88

O teatro moçambicano atravessa neste momento uma fase de franca ascensão, caracterizada fundamentalmente por uma explosão massiva no seio da juventude. E como consequência assiste-se a um crescimento do número de grupos teatrais juvenis que naturalmente trazem consigo inúmeros problemas que se inserem no contexto económico que o País atravessa, mas também não menos verdade que trazem também alguns novos valores...

Nestes parâmetros, o nosso Jornal recolheu opiniões de duas personalidades sonantes no panorama cultural nacional.

CADA EMPRESA DEVE PAGAR UM GRUPO

— Manuela Soeiro

A administradora do Teatro Avenida e membro da equipa técnica do grupo teatral «Mutumbela Gogo», Manuela Soeiro, acha que o nosso teatro regista um crescimento razoável sobretudo em quantidade e não em qualidade o que é devido à falta de técnicos qualificados para tal. — Seria um milagre termos bons trabalhos teatrais sem uma base técnica suficiente — afirmou Manuela Soeiro, que viria a acrescentar — já houve alguns pequenos cursos de encenadores mas

o tempo ainda é pouco para se fazerem sentir.

Segundo Manuela Soeiro o nosso teatro ainda está numa fase embrionária mas já há algumas condições que garantem o seu desenvolvimento devido à sua grande aceitação no meio da paragem mais jovem, e como forma de apoiar os jovens grupos teatrais alguns actores do «Mutumbela Gogo» vão assistí-los dando posteriormente as suas opiniões. — Um outro aspecto que as pessoas devem tomar em consideração, é que o teatro deve proliferar, crescer. A quantidade ainda é pequena, podia haver até oitenta grupos teatrais, dos quais dez, vinte ou mesmo trinta fossem muito fortes, aí sim, já se farão trabalhos com muita qualidade. É devagarinho que se cresce, dentro dum plano real. E como forma de condicionar esta proliferação, o Mutumbela, como outros grupos, faz digressões pelas empresas e bairros, onde facilita um contacto entre o actor e as populações, vindo isto a constituir uma possível fonte de inspiração por parte das massas.

Para Manuela Soeiro o maior problema com que se depara a maior parte dos grupos teatrais é a dificuldade em alugar as salas de espectáculos. Isto porque não há por parte das empresas um apoio aos grupos. Cada empresa devia ser responsável por um grupo, de modo que estes tivessem algum subsídio. Por isso falta uma base económica para o desenvolvimento. Penso que o Ministério da Cultura está pensando seriamente nisso, frisou.

O TEATRO NÃO É PRIORIDADE

— Ismael Cassamo

O substituto do Director Nacional da Acção Cultural do Ministério da Cultura, Ismael Cassamo, considera que o movimento teatral está a desenvolver-se muito no País, com maior incidência nos centros urbanos, e na capital o Teatro Avenida constitui uma base para o lançamento dos grupos, uma dinâmica que aponta para um futuro promissor. Sobre a estrutura interna da Direcção da Acção Cultural do Ministério da Cultura, Ismael Cassamo disse: A nossa direcção não conta neste momento com um técnico de teatro como acontece na música e na dança. Contudo, isso não é urgente, uma vez que o teatro não é prioridade. Ismael Cassamo diria ainda: Os grupos teatrais existentes neste momento estão em condições de serem apoiados pelas instituições onde surgem, quer nas escolas, empresas e bairros, portanto, ao nível da Direcção Nacional de Acção

Cultural não há orientação para essa área.

Como já se tornou «rotineiro», quando se fala de dificuldades em qualquer esfera artística todos apontam o Ministério da Cultura, sobre isto Ismael Cassamo diz que o Ministério não está em altura de satisfazer todos os requisitos que exige uma banda teatral. Os empresários também deviam investir no teatro como fazem na música. Alguns indivíduos só reclamam por indução. Se lhes perguntassem que tipo de apoio necessitam do Ministério talvez não dissessem.

Sobre a não realização de Festivais Nacionais de Teatro pelo Ministério, como já aconteceu com a música e a dança, Ismael Cassamo disse que os festivais não entram nos planos do Ministério a curto prazo pois não temos material humano necessário, nem nível de desenvolvimento para tal. Há uma diferença entre a popularidade tanto da música como da dança. E por isso mesmo que o teatro não é a prioridade por agora. Além disso, não temos dinheiro suficiente, uma vez que um festival organizado pelo Ministério não se deve basear em patrocínios.

O substituto do Director Nacional da Acção Cultural do Ministério da Cultura disse a finalizar que há falta de debates e seminários ao nível do teatro, e não constam nos planos para este ano, pois ainda não houve uma discussão global no Ministério mas sim na Direcção da Acção Cultural.